

## APRESENTAÇÃO

Camila Soares López  
Daniel Augusto Pereira Silva  
Marcus Rogerio Tavares Sampaio Salgado

No influente estudo *The Literature of Terror*, David Punter (1996)<sup>1</sup> indica que a literatura decadente promoveu um importante *revival* do gótico literário nas últimas décadas do século XIX, com a entrada e a atualização de personagens, enredos e mitos. A percepção de degeneração coletiva e individual, marcante no período, teria ensejado o surgimento, na ficção, de figuras como Dorian Gray, Dr. Jekyll e Mr. Hyde, Dr. Moreau e Drácula. De forma análoga, Jean-Baptiste Baronian (2007)<sup>2</sup>, no *Panorama de la littérature fantastique de langue française*, identifica a existência de um fantástico *fin-de-siècle*, com o renovado interesse de diferentes escritores pelo ocultismo e pela morbidez. No centro da argumentação de ambos os críticos está a constatação de que as narrativas da decadência fizeram uma releitura das artes do mal e do insólito.

O presente dossiê teve por objetivo examinar como a produção literária finissecular de diferentes países explorou os temas do sobrenatural, do metaempírico e do horror. Convidamos os pesquisadores a submeterem artigos originais que investigassem as relações entre a narrativa decadente e as variadas manifestações do insólito ficcional, tais como o fantástico, o gótico, o grotesco e o terror. Em nossa chamada, almejávamos avaliar os diálogos intertextuais e as

1 PUNTER, David. *The Literature of Terror: a History of Gothic Fictions from 1765 to the present days*. The Modern Gothic. v. 2. Longman: London/New York, 1996.

2 BARONIAN, Jean-Baptiste. *Panorama de la littérature fantastique de langue française*. Paris: La Table Ronde, 2007.

reconfigurações dessas tradições artísticas na prosa de ficção produzida a partir dos anos 1880 até o final da década de 1920. Para nossa satisfação, as submissões recebidas cumpriram essas condições, e temos hoje a alegria de dividir com a comunidade acadêmica e a sociedade em geral os resultados de investigações que tomaram a literatura *fin-de-siècle* como foco de estudo.

Os artigos publicados comprovam a multiplicidade das relações entre a literatura decadente e o insólito em diferentes países e idiomas, numa importante demonstração da difusão internacional dessas poéticas ao longo das últimas décadas do século XIX e em meados do XX. Além da amplitude geográfica e linguística, as pesquisas tanto analisam por novos ângulos obras consagradas quanto lançam luzes sobre textos pouco comentados em seus aspectos decadentes. Por mais paradoxal que possa soar a expressão, os “clássicos da decadência” estão contemplados nas páginas a seguir: Joris-Karl Huysmans e *À rebours* (1884); Gabriele D’Annunzio e *Il Piacere* (1889); e Oscar Wilde e *The Picture of Dorian Gray* (1891). Outros conhecidos autores finiseculares, como Arthur Machen, Bram Stoker, Robert Louis Stevenson e H. G. Wells também se fazem presentes. Há, igualmente, contribuições que leem textos novecentistas, como os de André Breton e H. P. Lovecraft, em seus pontos de convergência e divergência com a produção *fin-de-siècle*. Também a literatura brasileira ganha espaço em nosso volume, com investigações sobre João do Rio e Medeiros e Albuquerque.

O primeiro artigo, “Melusina: da lenda ao mito moderno”, de Marta Dantas Silva, promove uma análise diacrônica das representações da fada na literatura francesa. A personagem é

observada em obras de três autores: Gérard de Nerval, Joséphin Péladan e André Breton. Um dos méritos do trabalho é indicar como os textos finisseculares — nesse caso, o de Péladan — inserem-se e promovem diversos diálogos na tradição artística. Quando lançamos a proposta do dossiê e a chamada para submissões, destacamos a ideia de que seriam bem-vindos trabalhos que comparassem as narrativas desse período com as de outras épocas. Desejávamos ressaltar que a literatura decadente não se constituiu como um fenômeno isolado e sem repercussões na história literária. A autora segue essa orientação, enfatizando como Breton leu Péladan, especialmente em temas do ocultismo e da religiosidade, e outros autores oitocentistas. De fato, Breton foi leitor atento da literatura finissecular, em particular de Huysmans (que é referido diversas vezes em sua obra, incluindo o *Manifesto* de 1924), Jean Lorrain e Marcel Schwob, o que estudiosos tão díspares como Henri Béhar, Jean Pierrot e Anna Balakian não hesitam em sublinhar, sendo certo, ao mesmo tempo, o interesse de Breton pelo gótico setecentista, que recebe em correia de transmissão de Sade, conforme aponta Annie Le Brun no magistral *Les châteaux de la subversion*. O leitor acompanha, então, as diversas transformações de Melusina, primeiro como fada, depois como mulher-serpente diabólica e, finalmente, como uma alegoria moderna do feminino.

Os aspectos discursivos da ficção decadente — frequentemente apontada pela crítica como hermética, afeita a escolhas lexicais pautadas pela busca do efeito raro e arcaizante — também são abordados no dossiê. No artigo “*Écriture artiste: um estudo sobre o estilo de João do Rio e a estética art nouveau*”, Maurício Silva analisa as escolhas estilísticas de um dos principais nomes de nossa

*Belle Époque*. No trabalho, defende-se a ideia de que a forma de escrita ornamentada do escritor está presente nos diferentes gêneros que praticou ao longo de sua carreira, tanto em crônicas e romances mundanos quanto em contos decadentes, como os de *Dentro da noite* (1910). Para defender seu argumento, o articulista examina trechos de diferentes obras do carioca, apontando para o que chama de “estilemas” recorrentes, tais como a sinuosidade linguística, a ornamentação vocabular, a referência a motivos florais nos textos, entre outras estratégias. É particularmente instigante a aproximação feita entre as técnicas de escrita de João do Rio e as de Augusto dos Anjos, conforme descritas por José Paulo Paes. Nessa semelhança, observamos como as imagens macabras do fim do século também passaram por uma estilização discursiva.

A relação entre a literatura decadente e os eventos históricos na Inglaterra do século XIX é explorada, por sua vez, no artigo “As relações perigosas: transfiguração do gótico oitocentista nos imbricamentos de *Drácula*, de Bram Stoker, e *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde”, assinado por Manoel Carlos Alves. O pesquisador aponta como os recursos artísticos do gótico são manipulados por Stoker e Wilde tanto para expressar ansiedades da Era Vitoriana quanto para expressarem assuntos caros às suas vidas pessoais. Na introdução ao trabalho, Alves apresenta um percurso histórico da literatura gótica, a partir, especialmente, das análises de Anne Williams em *Art of Darkness* (1995). Em seguida, aponta como os temas da homossexualidade, do imperialismo britânico e dos episódios de fome na Irlanda são trabalhados nos dois romances de modo a indicar fissuras sociais e coloniais. A degradação de Dorian Gray é entendida como

um retrato da nação inglesa, cujo progresso material também promoveria destruição.

Tópicos semelhantes são observados por Alexander Meireles da Silva no artigo “A evolução decadente no horror finissecular de *A Ilha do Dr. Moreau*”. Nesse estudo, as noções de ciência gótica e horror colonial, estruturantes no livro de H. G. Wells, estão em primeiro plano. Na obra, as experimentações supostamente científicas do personagem promoveriam, como afirma Silva, não a evolução, mas a decadência. Nas fronteiras entre a ficção científica, o horror e o gótico, a história analisada demonstraria os perigos de uma visão desumanizada da ciência. Além disso, as criaturas de Moreau revelariam as ansiedades britânicas em relação ao imperialismo e a supostas ameaças à identidade europeia. Tais questões emergiriam do contexto histórico finissecular, quando pululavam reflexões sobre as causas da degeneração de indivíduos e sociedades.

Os horrores do conhecimento e da ciência também são abordados em “Biological Horror in Arthur Machen’s *The Great God Pan*”, de Gabriela Pirotti Pereira. No artigo, observam-se as representações da sociedade britânica finissecular na novela do escritor galês, publicada, como livro, em 1894. Tomando como base teórica a descrição de Jason Colavito, Pereira afirma que o *biological horror* e o gótico são mobilizados na obra para a apresentação de identidades culturais entendidas como híbridas, ameaçadoras ou simplesmente complexas. Nesse contexto, a alteridade se torna uma fonte de medo e, no corpus estudado, ficaria explícita na exploração de um imaginário misterioso e sobrenatural do sul do País de Galês, tanto atraente quanto repelente por suas diferenças culturais em relação à Inglaterra.

O texto paradigmático da literatura decadente — *À rebours* (1884) — é o foco do artigo de Glaucia B. Vieira, “J.-K. Huysmans e sua literatura às avessas”. Nas páginas iniciais do estudo, Vieira relembra como foi a recepção ao romance em sua publicação na França, que representaria um marco na carreira do escritor. No horizonte original de circulação da obra, alguns comentadores perceberam na história do excêntrico Des Esseintes um possível afastamento do ficcionista em relação aos protocolos de produção do romance naturalista. Para além do contexto francês, no qual ganha relevância a positiva percepção de Mallarmé, a autora destaca como os brasileiros acolheram o livro de Huysmans no país. A partir de um levantamento de dados de nossa imprensa, ela expõe comentários críticos de Olavo Bilac, João do Rio e Coelho Neto, entre outros, sobre *Às avessas* e, em particular, seu protagonista, cujos comportamentos ensejam passagens insólitas no livro.

Como em parte significativa da literatura voltada para o fantástico ou o horror, a questão do mal também foi abordada na arte decadente. Esse é o tema tratado por Felipe Motta Veiga em “A natureza do mal em ‘Markheim’, de Robert Louis Stevenson”. A partir de um arcabouço crítico especializado no gótico, no horror e no grotesco, o autor promove uma leitura minuciosa de uma história menos conhecida na produção do escocês. O argumento principal do trabalho é o de que coexistem duas visões sobre a maldade na narrativa, que variaria entre uma concepção de um mal inerente e outra de um mal resultante de ações específicas. No sombrio conto de Natal analisado pelo articulista, recuperam-se imagens e figuras caras ao insólito ficcional, como os duplos e as aparições fantasmagóricas.

A literatura italiana é o objeto de estudo do artigo de Leonardo Freitas de Carvalho, intitulado “Decadência real e imaginativa: o cronotopo da espera em *Il Piacere* (1889), de Gabriele D’Annunzio”. O pesquisador analisa o comportamento do protagonista do romance, Andrea Sperelli, que estaria constantemente à espera de uma pessoa ou de algo. A partir das teorias de Mikhail Bakhtin sobre heterodiscursividade e cronotopia, apresentadas numa seção inicial da investigação, Carvalho analisa as variações estilísticas da narrativa e indica que elas acompanham os diversos estados emocionais do personagem. Entre pensamentos melancólicos, avaliações estéticas, viagens imaginativas e momentos de tédio, Sperelli experimenta episódios delirantes, marcados pela percepção de uma natureza hostil e até mesmo sobrenatural. Se, em partes significativas da obra, um discurso mais realista é empregado, em outras, ganha destaque o insólito, o que reforça a percepção de um texto multifacetado em sua enunciação.

A variação entre tendências realistas e antirrealistas está presente também em “O fantástico naturalista-decadentista de Medeiros e Albuquerque”, de Sabrina Baltor de Oliveira. No artigo, a pesquisadora toma como corpus quatro contos de *Mãe Tapuia* (1900) e detalha as confluências entre naturalismo e decadência na obra. O trabalho destaca a recorrência com a qual os textos de Medeiros e Albuquerque mesclam temas da ciência e do misticismo, utilizando-se de eventos e recursos sobrenaturais nas histórias. Além de ressaltar os escritos de um homem de letras que, apesar de bastante atuante em grupos literários brasileiros do final do século XIX, recebe pouca atenção de nossos contemporâneos, Baltor oferece mais evidências de como as poéticas naturalista

e decadente se inserem num *continuum*, sem oposições totais. Há, igualmente, uma exposição de parte da recepção crítica ao ficcionista na imprensa fluminense, como, por exemplo, a avaliação de José Veríssimo, que considera a produção do autor original eclética, mas também nervosa e doentia — ecoando até mesmo algumas das reflexões de Max Nordau em *Dégénérescence* (1892).

Já o último artigo selecionado para o dossiê promove um salto temporal rumo à literatura novecentista, explicitando como as tendências da arte finissecular não desapareceram com a mudança de século. Mariana Santos Freitas Martins desenvolve o trabalho “*Fin de siècle, fin du globe: o weird decadente de H. P. Lovecraft*”. Na seção inicial, Martins passa em revista as noções de *fin de siècle*, esteticismo e decadência, apontando para a contiguidade entre elas. Em seguida, com um viés crítico aos estudos de David Punter, a pesquisadora entende que não é produtivo limitar a obra lovecraftiana numa única categoria, como o gótico, e ignorar suas relações com a *weird fiction* e a produção decadente. Na obra do norte-americano, identificada como um modernismo *pulp*, a variedade de formas do insólito estaria a serviço de uma visão crítica da modernidade, na qual, inevitavelmente, seus textos também se inserem.

A seção de Miscelânea do volume se compõe de duas traduções e uma entrevista. O conto “Will”, de Vincent O’Sullivan, publicado em *The Green Window* (1899), é traduzido e apresentado por Ana Resende, que confere ao texto, em português, o título “O escaravelho fúnebre”. Como explica a tradutora, a escolha foi motivada pela tradução francesa do texto, “Le Scarabée Funèbre”, publicada, em 1897, pela revista *Mercure de France* —

importante veículo da imprensa francesa finissecular. Dividida em duas partes e com ampla utilização de estratégias e temas típicos do insólito ficcional, a narrativa revela a mórbida história de um casal, marcada pelo ódio e pela morte. Parece-nos que o relato do escritor também dialoga com “Véra” (1874), conhecida novela de Villiers de l’Isle-Adam, cujos livros exerceram fascínio sobre muitos escritores finisseculares.

Na sequência, Daniel Augusto Pereira Silva e Isabelle Godinho Weber compartilham e comentam a tradução que fizeram de “A Pantera”, conto escrito por Rachilde e publicado no volume *Le Démon de l’absurde* (1894). A empreitada tradutória foi motivada pela entrada da obra da escritora francesa em domínio público neste ano de 2024. Os tradutores ressaltam que tal novidade também ensejou, há poucos meses, a publicação de *Senhor Vênus* (1884) no Brasil, num projeto levado a cabo pela editora Ercolano, em tradução de Flávia Lago. Trata-se, com efeito, de uma excelente ocasião para (re)descobrir a produção de uma das principais ficcionistas da literatura decadente na França. Na narrativa deste dossiê, a autora explora a atmosfera dos circos romanos, marcados por espetáculos públicos tanto de combate entre gladiadores quanto de execuções de indivíduos por animais ferozes. Como em tantos de seus textos, Rachilde desenvolve o tema da crueldade humana, contrapondo-a ao comportamento de uma pantera, incitada a matar.

Nas páginas finais deste número da *Abusões*, o leitor encontrará uma entrevista com Timo Kehren, professor pesquisador de literaturas e culturas românicas na Johannes Gutenberg-Universität de Mainz (Alemanha). Formuladas por Daniel Augusto Pereira Silva, as perguntas tratam de uma série

de assuntos que têm motivado as pesquisas do entrevistado, tais como as relações entre naturalismo e literatura decadente; a obra machadiana e a decadência; a questão da loucura na literatura oitocentista; os diálogos entre a Europa e a América Latina no século XIX, a partir dos casos da Argentina e do Brasil; e também o espaço transcultural amazônico. Ao final da entrevista, Kehren revela seus próximos projetos acadêmicos e indica seu desejo de continuar investigando a literatura brasileira no limiar do século XX. Essa contribuição para o dossiê foi fruto de uma estadia de pesquisa do professor no Rio de Janeiro em setembro de 2024, quando cooperou com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Esperamos que os textos reunidos neste dossiê propiciem novas pesquisas sobre a literatura decadente, um campo de estudos que merece expansão e aprofundamento crítico. Embora muitas narrativas da decadência possuam protagonistas lânguidos e enfasiados com a existência, elas também tiveram bastante vitalidade numa série de países, tanto do continente europeu quanto das Américas. Desejamos, ainda, que o conteúdo da seção de Miscelânea estimule mais traduções do corpus finissecular e outras colaborações com pesquisadores estrangeiros, cujos olhares sobre a produção literária brasileira são enriquecedores. Nesta segunda década do século XXI, também marcada por discursos declinistas na política e velhos medos de decomposição social, os fantasmas e monstros grotescos da literatura *fin-de-siècle* talvez não nos pareçam tão estranhos. Ficam nossos votos de boa — e atenta — leitura. Parafraseando Paul Verlaine, *plus rien à dire!*

**Camila Soares López**

Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Campus de Assis-SP.

Professora adjunta de língua e literaturas de língua francesa da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6750776391785825>

ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0009-7691-1613>

E-mail: [camila.lopez@ufu.br](mailto:camila.lopez@ufu.br)

**Daniel Augusto P. Silva**

Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2023).

Professor Adjunto de Língua e Literatura Francesa do Instituto de Letras da UERJ.

Integrante do Grupo de Pesquisa Arte, Realidade e Sociedade (CNPq/Fundação Biblioteca Nacional), do Grupo de Pesquisa Estudos do Gótico (CNPq) e do Grupo de Pesquisa Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica (CNPq).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7607360386428536>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1804-0508>

E-mail: [daniel.augustopsilva@gmail.com](mailto:daniel.augustopsilva@gmail.com)

**Marcus Rogerio Tavares Sampaio Salgado**

Doutor em Literatura Comparada pelo PPG Ciência da Literatura da UFRJ (2010).

Professor Adjunto de Literatura Brasileira (Faculdade de Letras - UFRJ).

Integrante dos Grupos de Pesquisa “Estéticas de fim-de-século” (CNPq/UFRJ, desde 2009); “LABELLE - Laboratório de Estudos de Literatura e Cultura da Belle Époque” (CNPq/UERJ, desde 2018); “Estudos do Gótico” (CNPq/UERJ, desde 2019).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1820387030952541>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3000-0565>

E-mail: [marcustavares@letras.ufrj.br](mailto:marcustavares@letras.ufrj.br)